



SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR

HEALTH AS: HARMONY; HOPE; INTELLIGENCE; FREEDOM AND LOVE

LA SALUD COMO: LA ARMONÍA; LA ESPERANZA; LA INTELIGENCIA; LA LIBERTAD Y EL AMOR

Luís Antônio Monteiro Campos¹, Sabrina Behar Jorge², Cláudia Brandão Behar³, Odilo Araujo Neto⁴, Maria Clara Moura Ferreira⁵, Thelma Mary Araujo de Oliveira⁶, Cleria Wickert⁷, Joice de Gusmão da Silva⁸, Raquel Ribeiro Tavares da Silva⁹, Penélope Esteves Raposo Mathias¹⁰

e391977

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i9.1977>

PUBLICADO: 09/2022

RESUMO

O presente estudo qualitativo objetiva apresentar o conceito de saúde em seu percurso histórico num sentido amplo. Percebe-se a dificuldade da compreensão do termo em sua amplitude biopsicossocial. Em seguida, é apresentada a compreensão do conceito através de cinco dimensões como: harmonia; esperança; inteligência; liberdade e amor. Com estas dimensões, a compreensão do conceito de saúde é amplificada, permitindo a abertura para novos trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde. Modelo biopsicossocial. Conceituação.

ABSTRACT

The current qualitative study aims to present the concept of health in its historical course in a broad sense. The difficulty underlying the term health in its bio-psycho-social amplitude is noticed. Then, is shown the possibilities of understanding this concept through five dimensions such as: harmony; hope; intelligence; freedom and love. With these dimensions, the term is broadened, allowing new studies to be carried out.

KEYWORDS: Health. Bio-psycho-social model. Conceptualization.

RESUMEN

Este estudio cualitativo pretende presentar el concepto de salud en su trayectoria histórica en sentido amplio. Se nota la dificultad de entender el término en su amplitud biopsicossocial. A continuación, se presenta la comprensión del concepto a través de cinco dimensiones: armonía, esperanza, inteligencia, libertad y amor. Con estas dimensiones, la comprensión del concepto de salud se amplía, permitiendo la apertura de nuevos trabajos.

PALABRAS CLAVE: Salud. Modelo biopsicossocial. Conceptualización.

¹ Doutor em psicologia pela UFRJ, coordenador do mestrado em psicologia na universidade católica de Petrópolis, professor da PUC-Rio e da UNILASALLE

² Bióloga e bacharel em filosofia, pesquisadora do Grupo de Estudos em Filosofia e Ontologia da Natureza da UNIRIO

³ Psicóloga, Doutora em Psicologia, Coordenadora Curso de Psicologia da Unigranrio

⁴ Psicólogo, Mestrando em Psicologia, Professor no Curso de Psicologia da Unigranrio

⁵ Graduanda em Psicologia no Curso de Psicologia da Unigranrio

⁶ Psicóloga, Mestre em Psicologia, Professora no Curso de Psicologia da Unigranrio

⁷ Mestranda em Psicologia na Universidade Católica de Petrópolis

⁸ Graduanda em Psicologia no Curso de Psicologia da Unigranrio

⁹ Graduanda em Psicologia na Universidade Católica de Petrópolis

¹⁰ Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora no Curso de Psicologia da Unigranrio



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

INTRODUÇÃO

O conceito de Saúde

Nos últimos anos, a vida é concebida como cerne de uma multiplicidade de discursos. A compreensão do impacto ambiental do progresso industrial, dos alcances das intervenções genéticas, da capacidade de recuperação da terra e dos recursos hídricos, dos desequilíbrios causados por introdução de novas espécies e extermínio de tantas outras, assim como a relação destes fatores com a saúde humana e de animais não humanos demandam noções contemporâneas que abranjam e debatam a própria vida, sua concepção e valoração (DERRIDA, 2011; MACHADO, 2013; JORGE, 2019). Além disso, fatores como o crescimento das cidades, a emergência de novos contextos sociais, políticos e econômicos locais, além do processo de adoecimento da população que vive em um recente momento pandêmico - apontam para uma necessidade de reavaliação do conceito de saúde.

A partir da década de 1970, o conceito de saúde emerge como ponto central no cenário das políticas públicas nacionais e internacionais. Neste momento, ficou clara a insuficiência dos saberes disciplinares para dar conta da complexidade dos processos envolvidos e da necessidade do exercício da solidariedade humana, passando a desafiar os paradigmas tradicionais de análise e de produção do conhecimento (AUGUSTO; BELTRÃO, 2011).

De acordo com Machado (2013), esse foi também o período da Reforma Sanitária. Essa foi proveniente de um movimento formado por profissionais da saúde, funcionários públicos e professores universitários, garantindo a participação de algumas esferas da sociedade (antes excluídas) no texto constitucional. A partir daí, a sociedade poderia participar na formulação das políticas de saúde. Essa reforma permitiu, posteriormente, a criação de conselhos populares ligados à área. Isso acabou por definir a prevenção de doenças como um direito social, corroborado com Foucault (2002), que afirma que da ideia de Estado – e sua fortificação – surgem os direitos humanos, assegurados como direito a saúde e a felicidade enquanto exercício de cidadania (JORGE, 2019).

Entretanto, a construção da saúde não se limita a espaços institucionais, mas ocorre também nos espaços do cotidiano da vida humana, nos ambientes dos processos produtivos e na dinâmica da vida das cidades e do campo. Trata-se de compreender o ambiente como um território vivo, dinâmico, reflexo de processos políticos, históricos, econômicos, sociais e culturais, onde se materializa a vida humana e a sua relação com o universo (BRASIL, 2009).

Hipócrates (460 a.C-370 a.C.), em seu tratado “Dos ares, das águas, e dos lugares” já propõe a importância do ambiente no processo saúde-doença. Doenças eram atribuídas ao modo de viver e aos costumes, às naturezas físicas dos indivíduos e às propriedades ambientais, sejam elas físicas, químicas, meteorológicas ou geográficas, ressaltando em especial a qualidade da água de uma região. Mas, ao contrário de estático, o ambiente sofre transformações, também realizadas por



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

seus habitantes, que podem acarretar consequências diretas para a saúde (CAIRUS; RIBEIRO, 2005; JORGE, 2019).

Canguilhem (1988) compreende a saúde como qualidade humana fundamental, na plena efetivação das esferas biológica, social, emocional e gnosiológica, rompendo com a abordagem disciplinar (biológica) do conceito de saúde, arraigado na supressão dos fatores contextuais e sociais. Sob essa perspectiva, as várias dimensões se articulam e interagem continuamente: um conjunto de poderes que nos permite viver e nos recuperar após a enfermidade. O conceito clássico de saúde, proveniente das ciências médicas e biológicas, confina-a aos tratamentos médicos. Essa segunda visão é individualizante e hegemônica, na medida em que parte de uma universalização-generalização do ser humano (JORGE, 2019).

Foucault (2016; 2002) afirma que nossas compreensões de saúde e doença são direcionadas por acordos sociais implícitos. O autor questiona a construção e a origem do próprio discurso biológico, e os demais discursos considerados como verdadeiros, isto é, principalmente os científicos. Com sua arqueologia, Foucault (2016) apreendeu que mesmo os termos consagrados pelas e nas ciências não são necessários e objetivos, independentes do contexto de produção. Ao contrário, cada termo usado refere-se intimamente a uma rede de significados e significantes legitimados como verdades, contingentes, situadas social e culturalmente. Assim, para a compreensão do processo saúde-doença, deve-se também considerar tanto a construção desse saber, espacial e temporalmente situado, quanto a articulação entre os referentes simbólicos que emergem ao trazer a luz uma conceituação em detrimento de outras (JORGE, 2019).

O discurso corrente acerca da conceituação de saúde, se depara com a questão preventivista nas propostas de intervenção na saúde pública: a melhor forma de promover a saúde é prevenindo doenças. Tal ponto de vista está intrinsecamente relacionado à Reforma Sanitária (JORGE, 2019). Luz (1988) assinala que, dependendo do modelo explicativo selecionado para abordar a saúde, será distinta a modalidade de práticas e concepções. A discussão parte da conceituação advinda do olhar comum, que a compreende meramente como ausência de doenças.

Atualmente, tal proposta conceitual busca modelos explicativos mais complexos, em que os contextos de vida possuam relevância na determinação do processo saúde-doença (AUGUSTO; BELTRÃO, 2011). Isso porque, pesquisas em saúde assumem a tarefa de compreender os processos complexos que podem estar relacionados a doenças e demais agravos, com a finalidade de reduzir os seus riscos para a população (JORGE, 2019). Tais trabalhos se atentam para a operacionalização de um conceito de saúde expandido, permitindo atribuir o mesmo grau de importância aos componentes psicológicos e fatores contextuais, considerando privilegiar sua interação como produto e produtor de saúde e seus estados relacionados (FARIAS DE PAIVA, 2021). Nesse sentido, a saúde pode ser tomada em sentido holístico, integrativo entre as condições do ambiente (entorno) e as condições psicológicas e sociais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

A ciência normal, como caracterizada por Kuhn (1962), se entende como produtora das melhores verdades. A ciência pós-normal, de Funtowicz & Ravetz (1993) advém da discussão sobre os problemas ambientais contemporâneos. Os autores relacionam a complexidade às temáticas de saúde, como vulnerabilidade e riscos associados a certas condições ambientais e funções de trabalho. Tal complexidade se relaciona à interação contínua entre fatores humanos e não humanos, sociais e individuais, em retroalimentação. As abordagens que envolvem a dimensão ambiental da saúde, precisam, então: 1) considerar a complexidade e transdisciplinaridade dos fenômenos envolvidos; 2) reconhecer e explicitar as incertezas, incluindo a incerteza epistemológica devido ao fato do conhecimento não ser neutro e consolidado; 3) reconhecer e explicitar os riscos relacionados às incertezas (em casos de riscos probabilísticos de problemas bem modelados ou de indeterminações de fenômenos imprevisíveis e não lineares; 4) produzir conhecimento de qualidade que auxilie nos processos de tomada de decisão (PORTO, 2012).

Segundo Samaja (2000), saúde é parte da vida humana e resultado da articulação entre processos de produção e reprodução social. Os problemas de saúde complexos podem ser entendidos e avaliados a partir de quatro esferas interdependentes de reprodução: 1) biológica, 2) cultural, 3) econômica, e 4) ecológico-política. Na primeira, o produto é o organismo ligado estruturalmente em redes de interações. Na segunda, a reprodução refere-se às redes simbólicas de elaboração e transmissão de experiências. A reprodução econômica abarca o trabalho humano além do que é a partir dele produzido, distribuído e intercambiado como bens e serviços. A quarta reprodução, i.e., a ecológico-política, aborda a interdependência entre as condições ambientais e as três anteriores.

Por isso, não é possível separar as noções e práticas de saúde dos outros aspectos culturais no fenômeno saúde-doença. O próprio modelo biomédico atua lado a lado com um sistema cultural particular de saúde. Nele, são incluídos benzedeiros, curandeiros, xamãs, pajés, pastores, padres, pais de santo e suas respectivas terapêuticas de cura, de inúmeros tipos (SANTOS *et al.*, 2012).

Desde 1948, existe uma normatização pela Organização Mundial de Saúde (OMS) onde se evolui do conceito de ausência de doença para um conceito abrangente de entendimento como bem-estar bio-psico e social. A partir do texto constitucional da instituição, a saúde é definida como “completo bem-estar físico, mental e social”, sendo direito fundamental o gozo do mais alto padrão possível de saúde “sem distinção de raça, religião, crença política e condição econômica ou social” (WHO, 2022, on-line, tradução nossa). Sendo assim, a saúde de todos é requisito fundamental para a paz e segurança ao nível (inter) nacional, e depende da plena cooperação entre indivíduos e Estados (WHO, 2022).

O Dicionário de Verbetes da Fiocruz (2009) define “saúde” como “um estado de harmonia da força ou energia vital que circula em todos os órgãos (medicina chinesa), em todos os tecidos (medicina *ayurvédica*), tendo ela a capacidade de regular, por seu fluxo harmonioso, os eventuais desequilíbrios do ser humano” (p. 15). Considera-se assim, que mesmo tais práticas surgidas há



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

milhares de anos, são extremamente atuais enquanto quebram paradigmas institucionalizados por uma medicina formal. Hoje, essa apresenta uma abertura para as culturas orientais com vistas a ampliação do conceito de saúde que passa a incluir o olhar holístico - transdisciplinar e sistêmico (COFEN, 2020).

Dessarte, é possível afirmar que o conceito normatizador de saúde inicialmente cunhado pela OMS evoluiu da ideia de ausência de doença para um conceito abrangente de bem-estar biopsicossocial e espiritual, transformado, principalmente, com a entrada de uma visão mais completa do ser humano. Devido aos tempos atuais e em virtude do caos vivido na atualidade, a percepção de cuidado a saúde deve ser reformulada e ampliada, incluindo alguns elementos antes negligenciados, tais quais “harmonia”, “inteligência”, “liberdade”, “esperança” e “amor”.

1. Harmonia

Conforme o dicionário Oxford Languages, harmonia é a ausência de conflitos e presença de concórdia. A palavra conflito vem do latim *conflictus*, que significa choque entre duas coisas, embate de grupos opostos que lutam entre si, representando interesses divergentes (GRAY; VENTIS; HAYSLIP, 1992).

Conflitos pessoais ou intrapessoais refletem uma divergência entre crenças, emoções, valores e desejos individuais. Muitas vezes, se manifestam na dificuldade de tomar decisões ou na contradição entre dizer-fazer ou pensar-agir. Já o conflito interpessoal ocorre quando duas ou mais pessoas apresentam perspectivas, valores ou comportamentos opostos e a ação de uma pessoa afeta a outra (GRAY; VENTIS; HAYSLIP, 1992).

Há alguns elementos relacionados à origem dos conflitos interpessoais. Por exemplo, a escassez de recursos, sejam financeiros, espaciais, emocionais, entre outros, tende a gerar competitividade e atrito. Ao mesmo tempo, o choque entre objetivos gera impasses entre a forma de conduzir os recursos - como finanças, afeto e trabalho. Em ambos os casos, a intensidade do conflito pode ser incrementada com a falta de comunicação ou de critérios comuns sobre a forma de gerir tais recursos e a falta de habilidades socioemocionais (ARGYLE, 1984).

As habilidades socioemocionais refletem o aprendizado de formas mais cuidadosas de interagir ao longo da história de vida individual, geralmente obtidas de forma intuitiva através das experiências, principalmente as infantis. Tais habilidades, somadas às comportamentais, cognitivas e atitudinais, relacionam-se ao desenvolvimento da assertividade. A falta dessas pode ser a principal fonte de conflitos intrapessoais, pois, impede que diferenças sejam resolvidas de forma harmônica (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 1999). Ampliar o repertório de habilidades relacionam-se com a capacidade de atingir objetivos, ao passo que se correlaciona positivamente com a saúde mental e habilidade em administrar conflitos. Isso, pois, tal ampliação permite o posicionamento individual de forma respeitosa e harmônica (HIRSCHLE, 2021).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

Alguns componentes das habilidades socioemocionais, cognitivas, comportamentais e atitudinais são especialmente relevantes. O autoconhecimento é fundamental para lidar com o outro. Ao conhecer o autoconceito, a autoeficácia e crenças disfuncionais particulares, é possível identificar o estado emocional corrente. Alguns indicadores quantificáveis podem ser obtidos a partir do escaneamento de tensão muscular e de alterações fisiológicas. Propor uma harmonia nas relações interpessoais requerem a administração de seus elementos de conteúdo e de forma já que a comunicação verbal, relacionada ao uso do código linguístico formal, pode suscitar ou minimizar conflitos. Toda dificuldade de expressão é prejudicial para os relacionamentos, principalmente para os afetos positivos. O bom humor, por exemplo, costuma se relacionar aos dois aspectos e ser muito bem avaliado socialmente quando utilizado de modo educado e respeitoso (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z 2006).

Quanto aos elementos verbais de conteúdo, a possibilidade de opinar, seja no âmbito de concordância ou discordância, deve ser considerada no processo do desenvolvimento de habilidades sociocognitivas. Discordar de uma forma que minimize a suscitação de brigas, aceitando divergências de modo produtivo. Entretanto, a intolerância com perspectivas diferentes ou necessidade de imposição, ou convencimento recai necessariamente em conflitos não facilmente solucionáveis (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z 1999; 2001).

Uma das propostas é perguntar ao outro ou admitir ignorância. Isso inclui a capacidade de organizar o conteúdo para elaborar a linguagem de forma objetiva e coerente, adequada ao nível do interlocutor. Por essa via, a mudança de comportamento do outro pode ser solicitada, incluindo a descrição do comportamento corrente, as consequências negativas por ele causadas, a especificação do comportamento indicado e possíveis resultados da mudança. Outra passividade que emana conflito relaciona-se à (in)habilidade de receber críticas. Pessoas com baixa autoestima, sentimentos negativos de autoeficácia e derrotistas podem apresentar maior dificuldade para acatá-las, reagindo assim de modo desarmônico. Entretanto, a habilidade de expressar incômodo e desagrado de forma respeitosa reflete assertividade e autonomia (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 1999; 2001).

Ao contrário das críticas, não é estimulado culturalmente a valorização das qualidades, comportamento e realização de alguém. Nesse sentido, é importante o estímulo à habilidade de elogiar e de receber elogios, já que funcionam como reforço positivo ao indivíduo que o recebe. Em contrapartida, pessoas com dificuldade de recebê-los acabam minimizando seus esforços e qualidades. No mesmo sentido, a habilidade de pedir ou dar *feedbacks* é útil na identificação dos aspectos particulares de difícil reconhecimento, que devem por sua vez, ser reforçados ou anulados. *Feedbacks* positivos são reforços comportamentais amplamente utilizados (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 1999).

Mas críticas adequadas podem ser expressas de forma inadequada em função do conteúdo, modo de expressão e ocasião. Para tanto, é possível solicitar alguma mudança, por exemplo:



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odílio Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

conversar sobre isso em particular ou em outro momento. Caso não tenha careza sobre a crítica, é interessante solicitar um tempo para análise. As retaliações, como “mas você também fez isso e aquilo...”, embora comuns, podem incentivar o interlocutor a mencionar outras coisas desfavoráveis, alimentando uma discussão desrespeitosa (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 1999; 2001).

É possível que a habilidade de elogiar, esteja acompanhada da dificuldade de expressar afeto e amor. Agradecer, por sua vez, estimula o comportamento de gentileza, criando um ambiente favorável. A literatura nesse escopo mostra uma alta correlação entre gratidão e felicidade. Além disso, demonstrar interesse pelo bem-estar e disponibilidade para contribuir com as tarefas pessoais e grupais evidencia capacidade de cooperação e interação, habilidades sociais fundamentais harmonia em equipe. Alguns indivíduos têm dificuldade em fazer pedidos. Entretanto, pedir favor e ajuda, ao contrário de demonstrar fraqueza ou incapacidade, indica abertura para trocas e parcerias no mesmo sentido, é igualmente relevante a habilidade de recusar pedidos. Os sujeitos que não conseguem dizer “não”, muitas vezes se sobrecarregam de trabalho e esgotam-se emocionalmente. Portanto, a assertividade relaciona-se, inclusive à habilidade de defender seus limites e direitos, permitindo um equilíbrio do estresse interno (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 2001; 2006).

Os escopos não verbais da comunicação estão também relacionados às habilidades socioemocionais já que estes códigos informais, podem tanto intensificar e acompanhar quanto substituir e contradizer o verbal. O tempo e a expressão durante o contato visual podem demonstrar uma grande variedade de sentimentos como raiva, desejo e insegurança. Expressões faciais de alegria, raiva, tristeza, medo e nojo são reconhecidas universalmente. E geralmente, pessoas mais sorridentes são mais bem avaliadas. Alguns gestos acompanham a fala, outros possuem significado especial e intensificam a fala. Os atos de manipular objetos, tocar o próprio corpo ou o cutucar outrem, geralmente representam ansiedade. A postura corporal também tem esse papel. Ombros mais fechados e caídos expressam timidez e insegurança. Ombros para traz e peitoral aberto reflete autoestima elevada e bem-estar emocional. O toque pode representar afeto positivo (beijo, abraço) ou negativo (soco ou beliscão). Embora algumas pessoas tenham aversão ao toque, para a maioria da população, um toque sutil no ombro ou no braço costuma se bem avaliado como sinal de afeto positivo. Entretanto, há uma métrica relacionada ao espaço de distância requerida, dependendo do tipo de relação para não ocorrer invasão: distância íntima, até 50 cm, distância pessoal, até de 50 cm até 1 metro, e distância social, a partir de 1 metro (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 2001).

O ser humano é múltiplo e sempre haverá formas diferentes de pensar, sentir, avaliar, se comportar e vivenciar as situações. Para muitos a diferença é motivo de conflito, enfrentada através da competição: cada lado procura defender a sua perspectiva e identificar as falhas do outro. Outros, lidam com ela via acomodação: uma das partes se omite o que pode resolver o conflito imediatamente, mas pode representar um mal-estar a médio longo prazo. O afastamento é outra forma de gerenciar o conflito: não há o empenho em defender a sua perspectiva e nem tampouco cooperar com a outra. O indivíduo se coloca à margem do conflito, adiando-o ou recuando perante



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odílio Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

situações de ameaça. A forma mais harmônica para lidar com o conflito é através do acordo: soluções mutuamente aceitáveis, que satisfaçam parcialmente os dois lados. O acordo significa trocar concessões e procurar um de meio-termo e colaboração: uma solução que atenda os interesses das duas partes. O que torna possível o acordo e a cooperação são as habilidades socioemocionais e sociais de ambas as partes. Desta forma é possível conviver de forma harmônica, na família, no trabalho e nas mais diferentes relações sociais estabelecidas (DEL PRETTE A; DEL PRETTE Z, 1999; 2001; 2006).

2. Esperança

Segundo Snyder, Rand & Sigmonn (2002) esperança é definida como um estado emocional positivo, baseada na crença de que seja possível alcançar objetivos. Refere-se à possibilidade de enfrentar intempéries e infortúnios, se adaptar e retornar ao equilíbrio. Este estado emocional caracteriza-se por um componente cognitivo (crença) e uma natureza motivacional, direcionada para um objetivo. Desta forma, é impactada por valores e atitudes de um indivíduo que constrói uma rede de significados (QUERIDO, 2005).

O alcance dos objetivos, por sua vez, eleva a autoestima, reduzindo a insegurança e incrementando a possibilidade de experimentar situações novas e desafiadoras, num círculo virtuoso. Assim, altos níveis de esperança também colaboram com a diminuição da probabilidade de desenvolver doenças físicas e emocionais (SNYDER; RAND; SIGMONN, 2002).

Querido & Dixe (2016), indicam que a esperança é fator de proteção com relação à manutenção da saúde física e mental. A falta de esperança pode representar um efeito contrário, caracterizado por pessimismo, dificuldade de tomar decisão, que tende a prejudicar o desempenho, impossibilitando o alcance de objetivos desejados. Segundo Matta e Victoria (2013) o efeito da esperança mostra-se especialmente relevante como fator de proteção em situações de crise. Nestas ela correlaciona-se com a capacidade e motivação de solucionar problemas, administrar o estresse e perseverar o equilíbrio emocional diante das adversidades. Ainda, nesses momentos de crise, a esperança possibilita o desenvolvimento de recursos que permitem a adaptação e superação das adversidades ao longo da vida sem prejuízo duradouro da saúde mental. Por isso, desempenha um papel significativo na qualidade de vida a longo prazo. Entretanto, experimentar esperança não significa ser imune ao estresse ou insensível ao sofrimento, mas reflete a resiliência (SANTOS; REPPOLD, 2014).

Ela pode ser, então, subdividida em 4 categorias: força interior, objetivo, resistência e fé (SEQUEIRA; SAMPAIO, 2020). Segundo O'Connor (1996), a força interior é um dos seus atributos essenciais. Devido a ela, pessoas em fase terminal podem se manter motivadas. O autor aponta que o indivíduo em fase terminal objetiva o alívio da dor, do sofrimento, aumento do tempo de vida e a cura, voltando a uma vida saudável, ativa e independente. Em casos que não existe cura, os cuidados médicos são caracterizados como paliativos em que profissionais de saúde não podem



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

sequer assegurar a interrupção do processo da doença. Aqui, a esperança torna-se estratégia fundamental, como foco de atenção. trazendo conforto (O'CONNOR, 1996).

De acordo com Twycross (2003), o paciente terminal pode apresentar uma esperança irrealista, caracterizada pela vontade de viver. No entanto, o principal objetivo do profissional nesses casos é o de propiciar o desenvolvimento de uma esperança realista, no sentido de contribuir para o desenvolvimento de objetivos de curto prazo possíveis de serem concretizados a fim de trazer sentimento de realização para o paciente. Ao mesmo tempo, a manutenção do estado de saúde ou possibilidade de resgate a um estado de saúde anterior indica a esperança como fator motivador também para a resistência diante da possibilidade de desistência no tratamento.

3. Inteligência

Considerando a saúde em sua integralidade, é necessário considerar a inteligência como parte dela. Como vimos, o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais é estratégia fundamental na promoção da saúde, incluindo as competências cognitivas, denominada inteligência. Nesse sentido, é reiterada a importância do controle individual e coletivo sobre sua própria condição fisiológica (GARBIN *et al.*, 2012). O meio ambiente também se torna relevante já que "as pessoas não podem realizar completamente seu potencial de saúde se não forem capazes de controlar os fatores determinantes de sua saúde" (BRASIL, 2002, p. 21). Com isto, o acesso à informação é uma das vias para "a capacitação do indivíduo e da comunidade, no sentido da aquisição de maior controle e maior poder de decisão" (GARBIN *et al.*, 2012, p. 348) inclusive no que diz respeito ao direito de voz dos sujeitos e comunidades.

Desde o livro "Ética a Nicômaco" de Aristóteles (2009), é tratada a relação entre a racionalidade e uma melhor qualidade de vida. A proposta teórica aqui é uma doutrina moral segundo a qual a finalidade das ações humanas (individuais e coletivas) relacionam-se à busca do bem-estar subjetivo. Esse bem-viver consiste na realização de um "daimon" (destino pessoal) ou verdadeira natureza. Nessa linha de pensamento, o bem-estar subjetivo dependeria do cultivo da autonomia, autocontrole e autarquia que devem estar presentes em um ser humano moral. Trata-se do modo de pensar que promove o ser humano virtuoso como senhor dos seus desejos e não escravos destes. Mas esses elementos não são dados e o humano dotado de virtudes é aquele que aperfeiçoa seu intelecto através do exercício da razão. Partindo do princípio de que o ser humano é um ser racional, a o bem-viver só poderia estar relacionada ao desenvolvimento dessa capacidade (BEHAR, 2016).

Em Bauruch de Spinoza (1632 -1677) também há uma relação direta entre um bom uso da inteligência cognitiva e emocional - definida como capacidade de administrar as emoções - para a promoção do bem-estar subjetivo. Aqui, o "cultivo da mente" é elemento de um projeto de vida e de sociedade. O indivíduo pode ser tomado como livre e autônomo quando sua razão pode ser utilizada para a condução da sua existência no mundo, considerando suas emoções (CAMPOS, 2010). Spinoza retoma a tese de Aristóteles que afirma que conhecer é conhecer pelas causas, a partir da



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

reflexão, voltando-se para os afetos, trazendo-os a consciência e buscando compreender de que são efeitos (GOMES 2017).

Mesmo em serviços de saúde, tanto os usuários quanto trabalhadores são afetados por questões emocionais particulares que podem comprometer sua adesão aos tratamentos ou a habilidade de promover um cuidado adequado, respectivamente. Ao tomar consciência sobre seu método interno de tomada de decisão, “o trabalhador [da saúde] exerce um autogoverno sobre seu processo de trabalho, com poder de decidir sobre o que e como fazer” (FRANCO, 2015, p. 104)

Do contrário, quando afetados com os signos morais e afastados da autorreflexão, Franco (2017, p. 108) identificou trabalhadores da saúde, associando o comportamento de um casal como equivalente a uma “perversão”, em que “passam a condená-los e a puni-los com o abandono”, o não-cuidado. Nesse caso, a ação modulada, uma emoção não-processada racionalmente faz com que a escolha inconsciente seja contrária ao princípio de promoção da saúde.

Utilizando a autoconsciência, é possível que o trabalhador da saúde, “tivesse a plena compreensão do que está em jogo no cenário de trabalho e cuidado, podendo com isto atuar conforme suas próprias forças” (FRANCO, 2015, p. 109), vontades e objetivos, definindo suas escolhas e razões. Por isso, a educação em saúde é componente essencial da atenção básica.

Um dos pontos é a concentração de esforços direcionados à redução de práticas prejudiciais à saúde, relacionado ao compartilhamento do conhecimento corrente sobre as causas das doenças e epidemiologia. Isso incrementaria a probabilidade dos indivíduos se beneficiarem com uma melhora na saúde, mudando seu comportamento (FRANKEL *et al.*, 1991). Desse modo, para uma saúde integral, a inteligência deve ser usada nos dois lados da relação: do trabalhador da saúde e do paciente-agente.

4. Liberdade

Segundo Ryan & Deci (2001), indivíduos com altos índices de bem-estar são independentes e motivados, principalmente pelo seu próprio padrão (autonomia), capazes de efetivamente identificar e buscar oportunidades externas (domínio do ambiente), à procura constante de oportunidades para crescer e desenvolver (crescimento pessoal), envolvido em relações mutuamente satisfatória. Estes são também, capazes de estabelecer relações positivas com os outros, e de identificar e buscar metas significativas para suas vidas, apresentando uma atitude positiva em relação a sua personalidade (BEHAR, 2016).

A liberdade sempre foi um tema de discussão da filosofia. Permeia vários campos do conhecimento e da ação humana, contribuindo para construção da identidade (SILVA, 2019). A palavra liberdade tem origem do grego *eleuthería* que designa ser-humano livre, e do latim advinda do adjetivo *liber* que remete a condição daquele que tem possibilidade de escolhas e a responsabilidade por elas (SILVA, 2019; FEIJOO *et al.*, 2015).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

Silva (2019) reflete sobre três dimensões da liberdade. São a liberdade natural, social e pessoal. A liberdade chamada de natural advém com a existência humana e capacidade de racionalizar e comporta-se como um ser racional. Já a liberdade social está atrelada a habilidade do indivíduo construir seus próprios caminhos, com influência mínima dos condicionantes sociais. Por fim, a liberdade pessoal é pautada na ideia de que de ética (*ethos*) (SILVA, 2019). Ainda, de acordo com a Organização Interacional do Trabalho (OIT, 2022), a saúde do trabalhador é um direito humano, alicerçado juridicamente, um direito básico e essencial. De nada valia ter liberdade sem ter saúde; tendo como exemplo a uma doença que pode impossibilitar, temporária ou definitivamente, um indivíduo de realizar suas funções laborais (SCHMID, 2019).

Wollmann (1993) aponta que a liberdade se dá em relação às coisas, e ser livre não significa vontade livre, e sim ausência de impedimentos. Assim, podemos pensá-la na como uma dimensão de saúde. Para Machado & colaboradores (2021) corroborando com Silva (2019) a liberdade diz respeito à ação, permitindo a criação novas realidade. Tal ação, portanto, é política e social, propiciando à pessoa o poder decidir sobre os assuntos tanto comuns quanto os relacionados ao seu bem-estar. Assim, o ser humano é livre para decidir sobre assuntos da sua saúde e de demais pessoas em seu entorno. O aspecto político da saúde envolve o local de moradia, saneamento básico, o tipo de trabalho realizado, a rigidez no horário, o tempo de deslocamento, uso do tempo de lazer entre outros. Um sujeito com acesso a uma unidade de saúde, um bom local de trabalho com o ambiente amigável, uma área de lazer, segurança, suporte psicológico, além de saúde, tem liberdade (MACHADO *et al.*, 2021).

Schmid (2019) pensa de modo concreto na privação de liberdade e os seus possíveis prejuízos a saúde. Seu relato revisita os prejuízos causados à saúde mental em decorrência da territorialidade, diante da vivência da equipe de Médicos Sem Fronteiras (MSF) em Nauru, um território insular e completamente isolado em alto mar. Esse trabalho evidenciou um aumento significativo do índice de suicídio com a falta de liberdade dos refugiados, ao longo de onze meses, assim como de doenças psicossomáticas e biológicas. A mesma coisa acontece no contexto carcerário, onde homens e mulheres têm seus direitos violados, sua liberdade completamente privada e sua saúde negligenciada. No caso das mulheres, essas negligências na saúde são ainda mais preocupantes quando há uma gestação envolvida, onde não há um cuidado com o pré-natal, o parto, o puerpério, onde muitas das vezes essas mães são privadas da liberdade de cuidar de seus filhos, afetando com isso a saúde psicológica dessas mães e a saúde física das crianças (SCHMID, 2019).

5. Amor

A palavra amor deriva do latim, que significa afetividade e desejo. No seu sentido mais comum, a afeição recíproca entre duas pessoas, incluindo, ternura e atração física. Também, representa um sentimento de desejo do bem do outro. Pode significar ainda apego a um ideal ou a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

um valor. É estudada há séculos, por estudiosos de várias áreas do conhecimento. O primeiro deles foi Platão (1987) que, no Banquete definiu o amor autêntico como aquele que liberta o indivíduo do sofrimento e conduz sua alma ao banquete divino. Daí surgiu a distinção deste com o amor possessivo, que persegue o outro como um objeto de sua propriedade. Segundo Miller (1989), Freud desvendou o amor narcisista, que diz respeito a um amor ao semelhante, o amar-se no outro - numa relação de dependência.

Para Cunha (2008), o sentimento amoroso torna-se uma crença, que se mantém viva na busca da felicidade plena, a exaltação do bem-estar que possibilita a vida e perpetua o mito do amor. Segundo Rubin (1970), a primeira proposta teórica que abordou o amor romântico dentro da Psicologia Social procurou fazer a distinção entre amar e gostar. Nessa perspectiva, o autor sustenta que o amor é uma atitude em relação a uma pessoa em particular que envolve uma predisposição para pensar, sentir e se comportar de certa forma em relação a ela. Para Frankl (2014), o amor não é um mero epifenômeno, como considerava Freud é sim um fenômeno originário da existência humana e está presente na potencialidade que a pessoa humana deve exercitar para transcender-se.

Devido ao reducionismo causado pela mentalidade hedonista e narcisista - do eu centralizado no prazer - passamos a viver uma crise do amor verdadeiro. Este “reducionismo é responsável por interpretar o amor como mera sublimação da sexualidade e por traduzir a consciência nos termos das funções do superego” (FRANKL, 2014, p. 30).

A fonte da maioria das doenças está na incapacidade de amar a si mesmo ou de receber amor dos outros. Frequentemente, essas dificuldades resultam de experiências ou de percepções de traições, abandono, humilhação e rejeição, principalmente na infância, conduzindo a sentimentos de demérito e separação do eu em relação às outras pessoas. Se essa separação inicialmente sentida pode ser um esforço da psique para defender-se do medo, do isolamento e do sofrimento, também se tornar fonte de sentimentos continuados de separação, alienação e ansiedade (FRANKL, 2014).

Como resposta a esse problema e considerando o amor como valor de criação, Frankl (2014), afirma que o amor é de caráter único no ser humano e possui a finalidade de colocar os seres humanos em uma proximidade de acolhida. “O amor, eu diria, constitui a capacidade de aprender o outro ser humano em sua genuína singularidade” (FRANKL 2014, p. 29). Por isso, é o relacionamento, uma energia de cura poderosa e é um agente catalizador de transformação (FRANKL, 2014).

Esse tipo de amor tem consequências para a saúde e o bem-estar, ativando estruturas límbicas do cérebro responsáveis pela emoção, atenção, motivação e memória. Além disso, o amor pode controlar o sistema nervoso autônomo, reduzindo o estresse e gerando efeitos protetores fisiológicos. Assim, o amor é um instrumento biológico que permite que as relações interpessoais se tornem experiências gratificantes que garantem a sobrevivência, a saúde e a perpetuação da espécie (ESCH; STEFANO, 2005).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

Considerações Finais

Ao longo da história, o conceito de saúde sofre transformações. Ao mesmo tempo, é um termo guarda-chuva que pode ser entendido de diversas formas dependendo do contexto que é analisado. Este trabalho apresentou uma maneira de se adicionar à saúde cinco atributos: harmonia, esperança, inteligência, liberdade e amor, apontando a dificuldade de um conceito unidimensional. Entretanto, a limitação deste trabalho ressalta a necessidade de revisões sistemáticas ou integrativas para uma melhor compreensão do conceito “saúde”, indicando e seus escopos e vieses, principalmente dentro de uma abordagem biopsicossocial e espiritual.

REFERÊNCIAS

ARGYLE, Michael. Some new developments in social skills training. **Bulletin of the British Psychological Society**, v. 37, p. 405-410, 1984.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas Editora, 2009.

AUGUSTO, Lia Giraldo; BELTRAO, Alexandre Barboosa. **Atenção Primária À Saúde – Saúde Ambiental Infantil**. Recife: Universitária Ufpe, 2011.

BEHAR, Claudia Brandão. **Felicidade, Bem-estar subjetivo e Bem-estar psicológico - avaliação psicométrica de sete instrumentos envolvendo amostras nacionais**. 2016. 135f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. **As cartas da Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: www.saude.gov.br/bvs/conf_tratados.html. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. **Subsídios para construção da Política Nacional de Saúde Ambiental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009

CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JR, W. A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CAMPOS, Andre dos Santos. O significado de Sui iuris na filosofia de Spinoza. **Cadernos Espinosanos**, n. 22, p. 55-82, 2010.

CANGUILHEM Georges. **Ideology and Rationality in the story of life sciences**. London: The MIT Press, 1988.

CLARK, Margareth; MILLS, Judson. Interpersonal attraction in exchange and communal relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 37, n. 1, p. 12-24, 1979.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Abordagem Holística na Formação de Enfermeiras**. Brasília: Biblioteca Federal de Enfermagem, 2020. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/abordagem-holistica-formacao-enfermeiras>. Acesso em: 15 set. 2022.

COSTA, Almeida; MELO, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1999.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE. Zilda. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem:** Questões conceituais, avaliação e intervenção. São Paulo: Alínea, 2001.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE. Zilda. **Psicologia das habilidades sociais na infância:** Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes, 2006.

DEL PRETTE, Zilda; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais:** terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

DERRIDA, Jachqes. **O animal que logo sou.** São Paulo: UNESP, 2011.

ESCH, Tobias; STEFANO, George B. Love promotes health. **Neuroendocrinology Letters**, v. 26, n. 3, p. 264-267, 2005.

FARIAS DE PAIVA, Scheila. Linking tinnitus handicap inventory - thi with the international classification of functionality, disability and health - icf: an exploratory study for the application of the linking rules of the world health organization. **Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, p. e25410, 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; PROTASIO, Myrian Moreira; GILL, Debora; VERISSIMO, Luiz Jose .Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, 2015.

FOUCAULT Michel. **A verdade e as Formas Jurídicas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

FOUCAULT Michel. **As palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FRAKL, Viktor Emil. **A Busca de Deus e Questionamentos sobre o Sentido:** um diálogo. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCO, Túlio Batista. Trabalho criativo e cuidado em saúde: um debate a partir dos conceitos de servidão e liberdade. **Saúde e sociedade**, v. 24, p. 102-114, 2015.

FRANKEL, Stephen; DAVISON, Charles; SMITH, George Davey. Lay epidemiology and the rationality of responses to health education. **British Journal of General Practice**, v. 41, n. 351, p. 428-430, 1991.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Saúde - Dicionário da Educação Profissional em Saúde.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/sau.html>. Acesso em: 15 set. 2022.

FUNTOWICZ, S.; RAVETZ, J. Science for the post-normal age. **Futures**, v. 25, n. 7, p. 739–755, 1993.

GARBIN, Helena Beatriz da Rocha; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; PEREIRA NETO, André Faria. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 22, p. 347-363, 2012.

GOMES, Carlos Wagner Benevides. Potência e liberdade na ética de Benedictus de Spinoza. 2017. 111f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GRAY, Gale, VENTIS, Deborah; HAYSLIP, Bert. Socio-cognitive skills as a determinant of life satisfaction in aged persons. **Int. J. Aging and Human Development**, v. 35, n.3, p. 205-218, 1992.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

HIRSCHLE, Ana Lucia Teixeira; CAMPOS, Luís Antônio Monteiro; SILVA, Cristiane Moreira Da; CASTRO, Elis Crokidakis; PAIVA, Scheila Farias de; SILVA, Kelly Dayanne Oliveira. Afetos e estratégias de enfrentamento em tempo de coronavírus: um estudo qualitativo. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, p. e26472, 2021.

ILO. **Organização Internacional do Trabalho**: escritório no Brasil. [S. l.]: ILO, 2022 Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/lang-pt/index.htm>. Acesso em: 19 set.2022.

JORGE, Sabrina Behar. **As Bases Filosóficas dos Conhecimentos Científicos em Saúde Ambiental na Fundação Oswaldo Cruz**. 2019. 145 p. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade e Saúde Ambiental) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1962.

LUZ, Madel Therezinha. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MACHADO, Carlos Jose Saldanha. **Animais Na Sociedade Brasileira**: Práticas, Relações e Interdependências. Rio de Janeiro: E-Papers, 2013.

MACHADO, Vinícius Azevedo. PINHEIRO, Roseni; MIGUEZ, Sâmia Feitoza. Educação e liberdade na promoção da saúde escolar: perspectivas compreensivas sobre a ação política como potência nas comunidades escolares. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021.

MATTA, Villela da; VICTORIA, Flora. **Livro de Metodologia**: Positive Psychology Coaching. São Paulo: SB COACHING Publishing, 2016.

MINISTERIO DA SAUDE. **Dia Nacional da Saúde**. [S. l.]: Biblioteca Virtual em Saúde. 2022. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/05-8-dia-nacional-da-saude/>. Acesso em: 15 set. 2022.

O'CONNOR, Patrice. Hope: A Concept for Home Care Nursing. Home Care Provider, v. 1, n. 4, p.175-179, 1996.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores).

PORTO, Marcelo Firpo de Souza; Schütz, Gabriel Eduardo. Gestão ambiental e democracia: análise crítica, cenários e desafios. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1447-1456, 2012.

QUERIDO, Ana Isabel Fernandes. **A esperança em cuidados paliativos**. 2005. 201 p. Tese (Doutorado em Cuidados Paliativos) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.

QUERIDO, Ana Isabel Fernandes; DIXE, Maria dos Anjos. A. A Esperança na Saúde Mental: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, (spe3), p. 95-101, 2016.

RUBIN, Zick. Measurement of romantic love. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 16, n. 2, p. 265-273, 1970.

RYAN, Richard; DECI, Edward. To be happy or to be self-fulfilled: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. **Annual Review of Psychology**, v. 52, n. 1, p. 141-166. 2001



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

SAÚDE COMO: HARMONIA; ESPERANÇA; INTELIGÊNCIA; LIBERDADE E AMOR
Luís Antônio Monteiro Campos, Sabrina Behar Jorge, Claudia Brandão Behar, Odilo Araujo Neto,
Maria Clara Moura Ferreira, Thelma Mary Araujo de Oliveira, Cleria Wickert, Joice de Gusmão da Silva,
Raquel Ribeiro Tavares da Silva, Penélope Esteves Raposo Mathias

SAMAJA, Juan. **A Reprodução Social e a Saúde**: elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida. Salvador: Casa da Qualidade. 2000.

SANTOS, Alessandra Carla Baia dos; SILVA, Andrey Ferreira da; SAMPAIO, Danielle Leal; SENA, Lidiane Xavier de; GOMES, Valquiria Rodrigues; LIMA, Vera Lúcia de Azevedo. Antropologia da saúde e da doença: contribuições para a construção de novas práticas em saúde. **Rev. NUFEN.**, v. 4, n. 2, p. 11-21, 2012.

SANTOS, Sabrina; ROCHA, Gabrielli; FERNANDEZ, Liana; PADUA, Analuiza; REPPOLD, Caroline. Association of lower spiritual well-being, social support, self-esteem, subjective well-being, optimism and hope scores with mild cognitive impairment and mild dementia. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 371. 2018.

SCHMID, Patrícia Cavalcanti. Saúde mental e restrição de liberdade: relato de experiência como médica psiquiatra em centro de detenção de refugiados. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 121, p. 626-635, 2019.

SEQUEIRA, C.; SAMPAIO, F. Intervenção em crise. In: SEQUEIRA, C.; SAMPAIO, F., **Enfermagem em Saúde Mental**: Diagnósticos e Intervenções. São Paulo: Lidel - Edições Técnicas, Lda., 2020. p. 220-224.

SILVA, Márcio Luiz. O conceito de liberdade em Aristóteles, Hegel e Sartre: Implicações sobre ética, política e ontologia. *Aufklärung*: **Revista De Filosofia**, v. 6, n. 2, p.141–160. 2019.

SNYDER, Charles, RAND, Kevin; SIGMON, David. Hope theory: A member of the positive psychology family. In: SNYDER, C. R; LOPEZ, S. J. **Handbook of positive psychology**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 257–276.

TWYXCROSS, Robert. **Cuidados paliativos**. Lisboa: Climepsi, 2003.

WEISZFLOG, Walter. Introdução: Novos termos. In: _____. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 1998.

WOLLMAN, Sérgio. **O conceito de liberdade no Leviatã de Hobbes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Constitution**. Genebra: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/about/governance/constitution>. Acesso em: 15 set 2022.